

Pedro Nava: os caminhos da memória entre o esquecer e o lembrar

Cristina Ribeiro Villaça*

RESUMO

Leitura da obra memorialística de Pedro Nava abordando o diálogo entre ficção e história. Privilegiando o papel da memória como possibilidade de reconstrução do passado, a escrita naveana insere-se no corpus literário do século XX, conferindo ao gênero memorialístico, o status de literatura. A partir do pacto esquecer/lembrar, enfoque do caráter fragmentário de tal construção discursiva.

Palavras-chave: Pedro Nava; Memórias; Autobiografia; Ficção e História.

Em seu artigo “*Memoria y Tradición*”, o escritor argentino Ricardo Piglia diz que “os fragmentos e os tons de outras escrituras voltam como recordações pessoais” (PIGLIA, 1990, p. 60). Tal procedimento assemelha-se à estrutura dos sonhos onde restos perdidos reaparecem às vezes com mais nitidez que as recordações vividas. Podemos dizer que as *Memórias* de Pedro Nava seguem esse processo na medida em que o Memorialista trabalha com fragmentos de outras vozes e segue os rastros de uma tradição perdida.

O leitor das *Memórias* depara-se, às vezes, com passagens em que o narrador dá uma pausa na narrativa para explicar os mecanismos da memória e se explicar como narrador de memórias. Como definir o memorialista? Seguindo a linhagem dos escritores-críticos Charles Baudelaire, Marcel Proust, Paul Valéry e Machado de Assis, Nava também reflete sobre o fazer literário. Ele define o memorialista como aquele que ficcionaliza a matéria rememorada: “Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança, onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo-argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança-manipulados pela imaginação criadora. Só há dignidade na recriação. O resto é relatório” (NAVA, 1977, p. 288).

Nava reivindica para si a condição de escritor memorialista que pratica sua arte em terreno híbrido, isto é, “ter um pé na história e outro na ficção” (NAVA, 1978, p. 406); “o memorialista é forma anfíbia de historiador e ficcionista e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar nas possibilidades oceânicas de sua interpretação” (NAVA, 1976, p. 166).

Nesse sentido, Nava se aproxima da concepção de Georges Gusdorf, que define o memorialista não como historiador mas como “uma testemunha da história” pois “memórias propõem-se a ser crônica pessoal do acontecimento histórico” (GUSDORF, 1991, p. 251). Assim, a diferença principal entre o escritor de memórias e o historiador é que o primeiro “toma a direção e organiza as coisas segundo a perspectiva própria de um indivíduo particular. Já o historiador está determinado pela abstração do seu ponto de vista próprio e reivindica uma objetividade da qual o memorialista está dispensado” (GUSDORF, 1991, p. 251). Ou na opinião de Juarez Távara, citado por Nava em *Beira-mar*, “o memorialista conta o que quer, o historiador deve contar o que sabe” (NAVA, 1978, p. 378).

Nava dá sua receita: “tomo quatro ou cinco pedaços de verdade, acrescento uma parte de imaginação e, tirando conclusões, faço uma construção verossímil” (NAVA, Entrevista *O Estado de São Paulo*, 17/12/1972). Enquanto o historiador “tem de dizer a verdade”, o memorialista “interpreta a verdade à sua maneira, de

*Doutora da Universidade Federal Fluminense.

acordo com sua emoção” (NAVA, Entrevista *Jornal da Bahia*, 4/08/1976), sendo seu compromisso com a sinceridade já que “escrever memórias é (também) um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo” (NAVA, 1978, p. 198).

No entanto, essa sinceridade, não raramente, causa problemas a quem se propõe a escrever memórias “sendo leal consigo mesmo - há que fazer tábua rasa das imposições familiares, das vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social. Impõe-se a tomada cilicial do que João Ribeiro batizou a “filosofia do exílio” (NAVA, 1978, p.198). Ao se propor a escrever, não apenas suas memórias mas, sobretudo, desestruturar para reconstruir uma época, o memorialista deve estar preparado, não só para “o isolamento necessário ao trabalho, mas principalmente para a ruptura com os próximos” (NAVA, 1978, p. 198-199) e o afastamento voluntário de muita gente. Sem dúvida, as famílias não apreciam quando um de seus membros busca “dizer suas verdades em vez de fixar a história coletiva do clã” (*La Faute à Rousseau*, junho 2006, p. 25).

Nava afirma que não teve remorso pelo que escreveu sobre certos parentes seus: “Sim. Porque para mim eles perdem o caráter de criaturas humanas no momento em que começo a escrevê-los. Nessa hora eles viram personagens e criação minha” (NAVA, 1978, p. 199). A observação é importante por explicar a técnica do memorialista que, ao misturar história e invenção, memória e imaginação, imprime a seu relato “um cunho de efabulação e o leitor o recebe como matéria de romance” (CANDIDO, 1989, p. 61).

Sem esse caráter ficcional, as pessoas citadas em seus livros permaneceriam simples pessoas e jamais teriam alcançado a dimensão de personagens: “Se queremos fazer um retrato ou descrever uma pessoa, nós precisamos sair de dentro do limite de convenção, desligar aquela pessoa das convenções sociais e transformá-la em personagem nosso” (NAVA, Entrevista *Revista Status*, janeiro 1977, p. 11-16).

Antonio Candido define a personagem como “um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (CANDIDO, 1995, p. 55). Como a construção da personagem é semelhante ao conhecimento que temos dos seres, isto é, fragmentário, os entes de ficção ou personagens são também abordados de modo fragmentário no romance que “nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes” (CANDIDO, 1995, p. 55).

Pode-se dizer que Nava concebeu as pessoas em seus livros não mais como seres humanos individuais, mas como grandes personagens, apreendidas em sua complexidade, e é por isso que elas ganham tanta força. É com o tratamento ficcional, “que dá ares de invenção à realidade” (CANDIDO, 1989, p. 61), que o memorialista retorna ao passado. Sua arte consiste em “transfigurar, explicar, interpretar o acontecimento” (NAVA, Entrevista a José Mário Pereira Filho, *Diário do Nordeste*, 9/07/1983). O essencial não é verificar a veracidade do fato, mas traduzir a emoção por ele provocada: “essa emoção, desprezível para o historiador, é tudo para o memorialista” (NAVA, 1976, p. 166). A questão que se coloca para o memorialista é saber “Como interpretar o acontecido, o vivido, o FATO - já que ele, verdadeiro ou falso, visão palpável ou só boato tem importância igual - seja um, seja outro. Porque sua relevância é extrínseca e depende do impacto psicológico que provoca” (NAVA, 1976, p. 166).

Em várias passagens das *Memórias*, Nava interrompe o fio narrativo para dialogar com o leitor, buscando justificar-se enquanto escritor de memórias e, ao mesmo tempo, ser fiel ao “contrato de leitura” que estabeleceu com seu leitor. O subtítulo, *Memórias*, logo abaixo do título, é importante por determinar o pacto de leitura desejado pelo autor. Segundo Maria Lúcia Lepecki, “é o pacto de leitura estabelecido a partir da indicação “História” ou “Romance”, que nos faz aceitar como científico um texto, como imaginado o outro” (LEPECKI, 1984, p. 15).

Nava sela com seu leitor um pacto autobiográfico. Segundo Philippe Lejeune, “o pacto autobiográfico é o compromisso que assume um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) dentro de um espírito de verdade” (LEJEUNE, 2005, p. 31). Pode-se considerar que as *Memórias* fazem parte das “escritas de si” apesar de o narrador, às vezes, sair de cena para colocar como personagem principal “o fato. E sobretudo o tempo” (NAVA, Entrevista *Jornal da Bahia*, 4/08/1976). O compromisso de Nava com a sinceridade estaria próximo da concepção de André Gide sobre o gênero memorialístico: “As *Memórias* são sempre apenas meio sinceras, por maior que seja a preocupação com a verdade: tudo é sempre mais complicado do que se diz” (GIDE, 1972, p. 278).

Há, todavia, uma diferença entre memorialismo e autobiografia. Segundo Philippe Lejeune, os limites entre autobiografia e memorialismo não são bastante nítidos; as *memórias* possuem quase todas as características essenciais da autobiografia. O que muda nas *memórias* é o fato de a narrativa da vida do autor ser contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados. No texto autobiográfico, “o tema tratado é o da vida individual, o da história de uma personalidade” (LEJEUNE, 1996, p. 14). Ou nas palavras de Wander Miranda “a autobiografia propriamente dita seria uma auto-representação (o indivíduo assume papel preponderante no texto) e as *memórias* uma cosmo-representação” (MIRANDA, 1992, p. 37); porém a distinção entre os dois gêneros não é muito nítida e o mais comum é a sua interpenetração.

O pacto de leitura é um crédito de confiança que o leitor concede ao narrador na primeira pessoa, no sentido de que a experiência narrada é por ele recebida como experiência vivida e expressão de uma verdade. E isso só é possível porque o memorialista confere um caráter, ao mesmo tempo, verídico e verossímil às suas *Memórias* pois tem a arte de “juntar à verdade o verossímil que não é senão um esqueleto de verdade encarnado pela poesia” (NAVA, 1972, p. 67).

Assim, influenciado pelo subtítulo *Memórias* o leitor inicia a leitura de *Baú de Ossos*. Porém, logo de início, depara-se não propriamente com a experiência de vida de Pedro Nava, mas com a biografia dos seus antepassados. Para essa tarefa, Nava é obrigado a remover a terra e dar vida novamente ao que estava enterrado desde o século XVIII. Certamente, ao iniciar sua escavação, o arqueólogo da memória estava consciente do esforço gigantesco que teria de exigir da sua imaginação para reconstituir os fatos que, evidentemente, só lhe chegaram através de uma documentação esparsa e aleatória. Esse desafio talvez tenha também motivado Nava a escrever suas *Memórias*. Rastreamento pistas camufladas, deixando falar outras vozes, consultando documentos ou completando as lacunas com sua imaginação, na tentativa de resgatar o passado perdido, Nava percorre os caminhos da memória e transita entre o esquecer e o lembrar. Assim, o Memorialista busca re-significar o passado ao tentar revivê-lo através de sua escrita.

O reencontro com o passado exercia também função terapêutica: “Porque a gente, retomando uma lembrança, que é um pouco traumatizante no sentido freudiano, e a transformando literariamente, opera algo semelhante à digestão, à metabolização - é o bife incorporado à nossa carne. Não foi suprimido, foi incorporado” (NAVA, Entrevista *Jornal do Brasil, Caderno B*, 4/11/1972). Assim, se por um lado a memória tem a função de guardar e conservar, por outro, ela significa libertação:

lembrando estamos provocando esquecimento. Depois de escrito, o que foi ressuscitado estará, então, definitivamente morto. Tenho experimentado isto com a evocação de personagens que me eram odiosos e que depois de fixados por mim no físico que me desagradava, no procedimento que me revoltou - como que falecem na minha lembrança e até adquirem, quando reaparecem, um aspecto indiferente e às vezes quase tolerável (NAVA, 1978, p.199).

Deste modo, ao ressuscitar seus mortos através da escrita literária, o memorialista recupera no presente espectros de um passado que ele quer esquecer e só assim poderá libertar-se definitivamente. Libertar-se dos fantasmas significa, além de matar um passado, possibilidade de, ao rever os outros, rever a si próprio já que escrever memórias é, sobretudo, um reencontro consigo mesmo; decifrar o outro é, de algum modo, correr o risco de uma decifração de si. O reencontro com os desafetos transforma-se em vingança, uma oportunidade de “ir à forra”: “Depois que eu fiz a personagem, deixei o defunto quieto lá no seu lugar” (NAVA, Entrevista *Revista Status*, janeiro 1977, p. 11-16). Nesse caso, a escrita rememora para poder esquecer definitivamente.

Tal procedimento remete ao ensaio de Freud “*Das Unheimlich*”. O termo alemão significa “tudo o que deveria permanecer oculto, secreto e que entretanto se manifesta (...) algo familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão” (FREUD, 1976, p. 301). Alguns autores consideram *unheimlich* “tudo o que está relacionado com a morte, com cadáveres, com a aparição dos mortos, espíritos e os espectros” (FREUD, Tomo III, 1981, p. 2498).

Na passagem citada de *Beira-mar*, ao desenterrar seus desafetos, Nava dá oportunidade de vir à luz o que ficou recalçado. Os antigos fantasmas ouvindo a voz da memória são exorcizados à medida que vão ressurgindo das trevas. O texto representa, assim, um espaço especial, um lugar fronteiro, no qual o que estava morto tem a possibilidade de reviver, pois “a ficção é esse espaço-entre, é moldura onde se estruturam os fantasmas” (BRANDÃO, 1996, p. 124). As *Memórias* funcionariam como oportunidade de revide a partir do momento em que a escrita é utilizada como arma de desabafo: “meus rancorizados passam a me pertencer como pertenci a eles no preciso instante em que me ofenderam, humilharam e fizeram sofrer minha infância. Vivos ou mortos eu tenho de suprimi-los o que faço ferindo pela escrita – já que esta é a arma que me conferiu a natureza” (NAVA, 1978, p. 199).

Re-significar o passado possibilita liberar o que estava oculto. Segundo Freud, essa simbolização pode ter um valor catártico: “é na linguagem que o homem encontra um substituto ao ato, substituto graças ao qual o afeto pode ser ab-reagido quase da mesma maneira. Em outros casos, é a própria palavra que constitui o reflexo adequado, sob a forma de lamentação ou como expressão de um segredo (confissão) (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967, p. 61).

A linguagem é uma arma poderosa para o memorialista: “Temos dois terrores, a lembrança do passado e o medo do futuro. Pelo menos um, a lembrança do passado, é anulado pela catarse de passá-lo para o papel” (NAVA, 1983, p.412). O termo grego *catharsis* significa purificação. Segundo Laplanche e Pontalis, na catarse “o efeito terapêutico buscado é o de uma ‘purgação’, uma descarga adequada dos afetos patogênicos, permitindo ao sujeito evocar e mesmo reviver os acontecimentos traumáticos aos quais esses afetos estão ligados e ab-reagi-los” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967, p. 60).

Pode-se dizer que, no caso de Nava, a linguagem funciona como processo catártico e possibilita a cura. Ao “praticar ato de amor com os inimigos – fazendo a terapêutica cirúrgica de seu esquecimento” (NAVA, 1978, p. 199), ele vai “extirpá-los, amputá-los e erradicá-los” definitivamente através da escrita.

Se, em alguns momentos, porém, a memória tem a capacidade de trazer à tona, em outros, ao contrário, em vez de lembrar, ela faz esquecer. Às vezes o esquecimento é benéfico e mesmo indispensável:

No que se precisa esquecer, nisto, a memória é exímia. Desvia na hora certa. Duas coisas sucedem ou são feitas no mesmo dia. Entretanto o tempo passa desigual sobre cada. Ao fim de anos, uma parece remota e a outra lateja presente e quando o acaso de nota tomada, de diário escrito, mostras do mesmo dia – ficamos varados de pasmo. É por isto que Proust dizia que nossa memória habitualmente não dá lembranças cronológicas: – ... mais comme un reflet où l'ordre des parties

est renversée... (NAVA, 1972, p.304).

Conforme a teoria freudiana, “a economia psíquica equilibra-se entre o “princípio do prazer” ou da preservação – a força dos *arkhai* – e a “pulsão destruidora”, a força do esquecimento” (DERRIDA, 2001, p. 22-23). Transitando entre o esquecer e o lembrar, o resgate do passado representa sempre uma falta pois é impossível recuperá-lo como foi. O trabalho de restauração do memorialista, que constrói seu texto com os fragmentos do que restou, é semelhante ao processo da memória que também é sempre facetada, “é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1998, p. 39). O universo das *Memórias* seria assim, “um universo em pedaços, cujos pedaços contêm outros universos, também eles, por sua vez, em pedaços” (POULET, 1992, p. 41). Tal processo pode, às vezes, ser irritante e doloroso e exige muita paciência e persistência do escritor de memórias, já que não depende da sua vontade: “às vezes não adianta violentar e *querer* lembrar. Não vem. A associação de idéias parece livre, solta, mas há uma coação que a compele e que também nos defende” (NAVA, 1972, p. 304).

Assim, a memória é construída sobre estes dois movimentos antagônicos e complementares e desempenha um duplo papel: trazer para o presente o que restou do passado e principalmente preparar o futuro: “Sem ela, teríamos medo do futuro como de um *grande buraco*” (TADIÉ, Jean Marc e TADIÉ Yves, 1999, p. 11). Isto porque a memória é imaginativa e longe de ser um reservatório de lembranças intactas, “nós reconstituímos e transformamos, insensivelmente mas sem cessar, nosso passado em função de nossa personalidade presente e de nossa projeção para o futuro” (TADIÉ, Jean Marc e TADIÉ, Yves, 1999, p. 15).

Se, por um lado, “lembrar provoca o esquecimento”, como deseja o memorialista, por outro, “*esquecer* é fenômeno ativo – *esquecer* é capítulo da memória e não sua função antagônica” (NAVA, 1972, p. 304). Para Supervielle, o esquecimento “é o anjo que vela sobre a livre circulação de nossas imagens e escolhe entre as que nos convêm e as outras” (SUPERVIELLE, apud TADIÉ, Jean Marc e TADIÉ, Yves 1999, p. 230). O esquecimento funciona, nesse caso, como véu protetor que busca evitar a dor e o sofrimento, o que permite retomar e completar a citação de Nava: “a memória é exímia. Desvia na hora certa e suprime o couro, para evitar o divã de couro empapado de lágrimas” (NAVA, 1972, p. 304).

Tal afirmativa coaduna-se com o texto de Freud “Além do princípio de prazer”, no qual ele estabelece uma correlação entre a memória (entendida como memória involuntária) e a consciência. Segundo Freud, “a resistência do ego consciente e inconsciente funciona sob a influência do princípio de prazer; ela busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido” (FREUD, 1974, p. 33). Nesses momentos, a memória age como o aparelho psíquico e exerce uma função protetora. O prazer de escrever mistura-se com a angústia de escrever: “fazer memórias é um ato extremamente sofrido. Não é um deleite. É torturante a evocação de duendes, coisas passadas. Não é agradável remexer no baú de ossos” (NAVA, Entrevista *Jornal da Bahia*, 4/08/1976).

É importante fazer a distinção entre memória e lembrança: “enquanto a memória tem por função proteger as impressões, a lembrança visa a desintegrá-las. A memória é essencialmente conservadora ao passo que a lembrança é destruidora” (REIK apud Benjamin, 1979, p. 156). O texto do memorialista representa um espaço fronteiro e vai ser construído, por um lado, a partir de fragmentos de imagens adormecidas que ele precisa tirar do esquecimento e, por outro, pelas lembranças, “espécie de relíquias secularizadas que emergem incessantemente de experiências já mortas no tempo para celebrar o auto-retrato de uma época” (STARLING, 1998, p. 40). Em oposição às imagens, as lembranças costumam expressar “alguma coisa que

vai se deteriorando ao longo dos anos, suplemento de um passado que afundou na memória em rigidez cadavérica” (STARLING, 1998, p. 41).

A lembrança, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (impossível) em que o escritor de memórias mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. Nava parte da recuperação da memória de seus antepassados, de uma época anterior à sua existência. As lembranças fragmentadas, que completarão as lacunas desse tempo anterior ao seu, só podem ser preenchidas com vozes de outros, só podem ser documentadas por outras narrativas, por “suplementos artificiais da memória” que as deixarão eternamente incompletas, ao mesmo tempo que terão sempre a possibilidade de receberem dados novos para complementá-las, nunca completá-las. Daí poder-se concluir que o estatuto da memória é necessariamente fragmentário e lacunar e supõe, como origem, a inevitável amnésia.

O memorialista parte, assim, do inacabado; o que ficou do vivido, resíduos do tempo, guardados da memória - baú de ossos. E é com esses fragmentos do passado que ele recompõe a “vasta e emaranhada” paisagem que é impossível completar (ARRIGUCCI Jr., 1987, p. 83). Para reconstituir o passado, feito de lembranças fragmentárias que dele restaram, Nava aproxima-se da anatomia comparada e da paleontologia: “A mesma de Cuvier partindo de um dente para construir a mandíbula inevitável, o crânio obrigatório, a coluna vertebral decorrente e, osso por osso, o esqueleto da besta”. Estende em seguida o paralelo à atividade do arqueólogo: “(...) que da curva de um pedaço de jarro conclui de sua forma restante” (NAVA, 1972, p. 41).

Se como diz Proust, “os verdadeiros paraísos são os paraísos que perdemos para sempre”, é na sua recriação, seguindo os caminhos da memória que os reencontraremos. Ao se propor a resgatar o passado, Nava vai também em busca de seu “paraíso perdido.” Entretanto esse desejo nunca se realiza porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas e o que retorna não é o passado na sua totalidade mas suas imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente, imagens e lembranças que serão complementadas pela imaginação e pelas leituras da arte, da Literatura, da Política, da Sociologia, informações suplementares que tentarão preencher as lacunas do esquecimento.

Esse processo de restauração do passado, no qual o memorialista reconstrói intencionalmente, uma coerência perdida de que sobrou algum elo o qual ele tenta resgatar, foi muito bem evocado por Paul Ricœur. Segundo o pensador, “rastros são vestígios de passagens, mas que permanecem como restos que remetem a dois registros temporais heterogêneos” (RICCEUR apud. MIRANDA, 1995, p. 112). Se por um lado, o rastro funciona como substituto, devendo ser um sinal deixado por alguma coisa no presente cujo contexto passado não existe mais; por outro lado, o rastro existe apenas para quem considera tal sinal como signo presente de uma coisa ausente, como vestígio de uma passagem que também não existe mais. “Seguir um rastro - ou escrever memórias - significa efetuar a mediação entre o *não-mais* da passagem e o *ainda* do signo: o passado não é só negativamente o que acabou, mas o que foi e que, por ter sido, é preservado no presente”(MIRANDA, 1995, p. 112). Assim, a escrita das *Memórias* permite extravasar o que ficara reprimido durante toda a vida ao mesmo tempo em que se torna a grande aliada do Memorialista, uma espécie de antídoto contra a morte, a possibilidade de vencer o tempo enfim, a chama que o mantém vivo: “Se hoje tivesse de parar de escrever, seria homem morto” (Nava apud Hollanda, *O Globo*, 24/04/1981). Nava dá vida ao que escreve ao deixar impressos/escritos restos do passado que resistiram “ao escoamento do tempo e à usura que ele traz” (Hardivilliers, 2004, p. 54), transformando as *Memórias* em uma maneira de se fazer existir através de sua obra.

ABSTRACT

This paper approaches the dialogue between history and fiction in the autobiographical works of 20th century writer Pedro Nava, from the point of view of memory as a possibility of reconstruction of the past through a fragmentary discourse based on remembering and forgetting.

keywords: Pedro Nava, Memory; Autobiography, Fiction; History.

Referências

- ARRIGUCCI, Davi. *Móvil da memória*. In: *Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*. Trad. Jean Lacoste. Paris: Editions Payot, 1979.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1996.
- CANDIDO, Antônio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª edição, São Paulo: Ática, p. 51-69.
- CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida e SALLES GOMES, Paulo Emílio. *A personagem de ficção*. 9ª edição, São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: *Obras Completas*. 1ª edição, 1920, v.XVIII. Tradução Jaime Salomão. São Paulo: Imago, 1974.
- _____ Lembranças encobridoras. In: *Obras Completas*. Trad. Jaime Salomão. São Paulo: Imago, 1976.
- _____ O Estranho. In: *Obras Completas*. Tradução Jaime Salomão. São Paulo: Imago, 1976.
- GIDE, André. *Si le grain ne meurt*. Paris: Gallimard, 1972.
- GUSDORF, Georges. *Les Écritures du moi*. Paris: Editions Odile Jacob, 1991.
- HARDIVILLIERS, Axel. Graphomanie. In: *La Faute à Rousseau* n° 36, Ambérieu-en-Bugey, Imprimerie Chirat, juin 2004
- HOLANDA, Gastão. O escritor e seu alter-ego. *O Globo*, 24/04/81.
- LA FAUTE À ROUSSEAU Revue de l'association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique n. 42. Ambérieu-en-Bugey: juin 2006.
- LAPLANCHE, Jean et PONTALIS, J.B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1967.
- LEJEUNE, Philippe. *Signes de vie. Le pacte autobiographique 2*. Paris: Seuil, 2005.
- _____ *Le pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1996.
- LEPECKI, Maria Lucia. *O romance português contemporâneo na busca da História e da historicidade*. Paris: Fondation Calouste Gulbekian. Centre Culturel Portugais, 1984.
- MIRANDA, Wander Melo. A poesia do reesvaziado In: *Cadernos da escola do legislativo 4*. Julho/dezembro 1995, Belo Horizonte.
- _____ *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp, 1992.
- NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá Ltda., 1972.

- _____ *Balão Cativo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- _____ *Beira - Mar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- _____ *Chão de Ferro*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.
- _____ Entrevista *O Estado de São Paulo*, 17/12/1972.
- _____ Entrevista *Jornal da Bahia*, Salvador, 4/08/1976.
- _____ Entrevista concedida a José Márcio Mendonça, revista *Status*, janeiro 1977, p. 11-16.
- _____ Entrevista a José Mário Pereira Filho, *Diário do Nordeste*, 9/07/1983.
- _____ Entrevista *Jornal do Brasil, Caderno B*, 4/11/1972.
- PIGLIA, Ricardo. Memória e tradição. In: CONGRESSO ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. Anais... UFMG, 1991.
- POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Tradução Ana Luiza B. Martins Costa. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- REIK. apud. BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*. Trad. Jean Lacoste, Paris: Payot, 1979.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel. Prefácio In: *Imagens do Grande Sertão*. Ed. UFJF/UFMG, 1998.
- SUPERVIELLE, Jules. apud TADIÉ, Jean-Yves, TADIÉ, Marc. *Le sens de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1999.
- TADIÉ, Jean-Yves, TADIÉ, Marc. *Le sens de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1999.